

APRESENTAÇÃO

Em junho de 2019, a premiada escritora indiana Dipika Mukherjee visitou o Departamento de Letras Modernas e tomou parte em um bate-papo com alunos e professores. Antes da visita ela nos enviou um texto, que foi traduzido pelos alunos das duas turmas de Tradução: Análise Contrastiva Inglês-Português, com o apoio da Profa. Lenita Maria Rimoli Pisetta. O texto foi discutido na ocasião com a autora, que permitiu que a tradução fosse publicada aqui.

Doppelgänger

Dipika Mukherjee

Neste conto escrito em resposta a eventos atuais ocorridos na Malásia, uma escritora enfrenta um Doppelgänger que tem o intuito de silenciar seu discurso político.

Maya Chin, famosa autora reclusa da Malásia, não publicou nada em sete anos.

Ela, definitivamente, não escreveu o artigo que está segurando agora, no jornal de hoje, embora o texto esteja marcado com seu estilo sarcástico. Os olhos da Maya correm por cima das colunas de texto e param em sua assinatura mais uma vez. Acima de seu nome está uma fotografia, a que foi tirada dez anos atrás e a única que ela usa para sobrecapas de livros.

Ainda é cedo. Ela tinha examinado rapidamente a coluna do obituário, depois as manchetes, e, então, virando a página das fotos em preto-e-branco com os recém-falecidos, ela a viu, bem ali, na página central do *New Straits Times* do lado das cartas ao editor: uma coluna com o nome dela e, mais inequivocamente, sua foto.

Após a reportagem do *Wall Street Journal* sobre a transferência, pelo primeiro ministro malaio, de US\$700 milhões dos fundos públicos, o primeiro-ministro estava acusando um ex-primeiro ministro de estar por trás dessa calúnia internacional. Sim, isso estava acontecendo, essa era a conversa nos cafés da cidade, mas não era algo sobre o que Maya quisesse comentar publicamente. Certamente não quando o governo estava bloqueando *sites* para manter a “estabilidade nacional”. Seu terceiro livro, que ela está editando agora, abordará o tema da corrupção na Malásia sob o disfarce de uma ficção de ritmo acelerado; ela não precisa escrever artigos de jornal.

Maya lê o texto rapidamente. Começa com seu estilo característico de usar maiúsculas em frases importantes: "*Preparem a pipoca, moradores de Bolehland — Em breve, em um cinema muito perto de você, Jurassic World com Legendas em Malaio!* Depois disso

vêm declarações sobre plantas rasteiras tropicais e variedades de serpentes rastejantes, e o artigo termina com "*O Wall Street Journal não é Utusan Melayu dei, Queremos Os Fatos!*"

O artigo é uma obra-prima de duplo sentido e insinuações dissimuladas, parecendo algo que o *New Straits Times* publicaria, mas insidioso em cada linha. Maya examina a astúcia do parágrafo de abertura e deseja *poder* ter escrito algo tão mordaz. A escritora usa a imagem da mídia ocidental limpando a política malaia com um espanador neocolonial (o texto vem acompanhado de uma charge), porém o que as palavras efetivamente acabam por fazer é levantar todo o pó, logo um turbilhão de poeira, e em seguida deixar toda a sujeira se assentar outra vez sobre o governo.

É genial *pra caralho*.

Maya examina a foto outra vez. Poderia haver outra Maya Chin, uma escritora mais jovem de quem ela nunca ouvira falar? A imagem a contempla de volta, o reflexo da mulher feliz que ela havia sido dez anos atrás, com uma expressão sonhadora fixando o vazio além de uma enorme primavera florida, como se ela escrevesse tolas baboseiras românticas em vez de histórias de suspense com fundo político. Maya se lembra de que cortara seu cabelo num estilo reto feito pelo Terri do *A Cut Above* no *shopping* Bungsar; ela reconhece o reflexo das luzes castanho-avermelhadas em seu cabelo feito no salão.

Que absurdo! Como alguma escritorzinha de quinta ousa juntar algumas palavras e estampar a coluna com seu rosto *e* seu nome? Seria ela a última espada rebelde, aquela a ser empunhada com impunidade quando o país estava sob censura? Deveria ela agora esperar uma batida na porta, um interrogatório da Autoridade Especial de Investigação da Avenida Dang Wangi... Ai! Maya se levanta, agarrando as bordas da mesa do café da manhã e deixando o frio do mármore gasto penetrar em suas mãos.

Ela sente falta de Michael. Ela sente falta de sua presença, de seus expedientes, da forma como ele conhece todo mundo. Através da sua janela ela vê quilômetros de ondulantes plantações de chá, a neblina do amanhecer pairando baixa sobre o verdejante campo sem a presença de outras casas. Para alguém que procurara o isolamento durante a maior parte de sua vida adulta, ela não estava preparada para esta solidão implacável. Ela havia se irritado com as necessidades de Michael – os encontros sociais, a conversa fiada durante as refeições, a banalidade do que ele estava lendo ou assistindo – às vezes ela até desejara invocar uma amante para fazer companhia a ele e assim deixá-la em paz para entregar-se a períodos sem compromissos. Quando ele viajou o mundo como o ferrenho defensor de uma grande empresa multinacional, ela mal podia esperar para se recolher a esse recanto particular de escrita que eles haviam criado. Michael citava Gibran em casamentos e aniversários de casamento, sobre a necessidade de haver espaços na intimidade do casal para que os ventos celestiais pudessem dançar entre eles, mas ela estava completamente despreparada quando levaram o corpo dele embora.

Ela vendeu a casa geminada que eles dividiam em Bangsar e o dinheiro havia selado a sua completa reclusão naquelas colinas. Já fazia muito tempo que seus pais haviam falecido, e era fácil virar as costas para os vários parentes e suas exigências dissimuladas feitas a uma viúva sem filhos, sem herdeiros, sem rumo. Nos últimos oito anos ela esteve digitando no computador, três horas pela manhã e quatro à noite nos dias bons, mas normalmente muito menos. Seu livro está quase concluído, e este é o livro que vai mudar a Malásia.

Ultimamente uma fadiga toma conta de seus dias e ela tira cochilos com frequência. Ela não atende a campainha. Ela busca, com pouca regularidade, a correspondência no correio local, seus olhos ocultos pelos óculos escuros, e às vezes, se dá vontade, ela se veste como uma mulher malaia, coberta da cabeça aos pés com um *baju kurung* escuro e bem amplo. Ela cultiva os próprios legumes e compra especiarias no *pasar malam* semanal, onde as luzes tênues do mercado noturno a protegem de olhares curiosos. Mesmo a sua agente literária, Jane (da Agência Literária *Quill and Scribe*, de Londres), trabalha à distância em outro fuso horário, e Maya se prende a um estilo de vida com pouco contato humano.

E agora esse artigo, que surgiu do nada, ameaça mudar tudo.

Jane! Isso, ela vai ligar pra Jane, que vai conseguir lidar com essa impostora. Jane vai saber como acabar com essa farsa insolente agora mesmo (sem dúvida, agentes literários lidam com plagiadores e fraudadores o tempo todo, não?). Maya pega seu celular, seleciona o contato na agenda. De imediato, ela já se sente melhor.

– Alôôô? – A voz de Jane ecoa felicidade. Maya escuta ao fundo uma música eletrônica no volume máximo e muitas risadas.

– É a Maya. Da Malásia.

– Maya! Oi! Tô com alguns amigos, espera um minutinho, vou sair daqui.

Segue-se uma pausa ofegante até que o barulho se reduz a uma batida abafada.

– Tá tudo bem com você, Maya?

– Não, não tá. Tem um artigo publicado nos jornais hoje que supostamente fui eu que escrevi. O problema é que não fui eu que escrevi.

– Não foi você que escreveu... ou foi você?

Maya deseja, não pela primeira vez, que sua agente fosse menos idiota.

– NÃO fui eu que escrevi. OUTRA pessoa escreveu sobre o artigo do *Wall Street Journal*... sabe, o artigo sobre política na Malásia e corrupção?

Maya aguarda a confirmação de que Jane acompanha as notícias.

– Aham.

– O negócio é que alguém colocou meu nome e foto em um artigo do *New Straits Times*. Saiu no jornal de hoje. Veja *online*. Na página editorial.

– Você não escreveu o artigo?

– Claro que não!

Silêncio completo. É só porque ela pode escutar o ruído cortante das sirenes que Maya sabe que a ligação não tinha caído.

– Ma-ya – Jane enuncia devagar. – A gente falou sobre esse artigo dois dias atrás. É brilhante! Lembra que você me mandou a cópia para eu dar uma olhada? Por e-mail?

– Quê?

– Aí eu mandei a cópia para o *New Straits Times* e também para o *Guardian*.

– Eu não mando nenhum e-mail há semanas!

Aquilo foi um suspiro?

– Maya, você *mandou*. Você me ligou primeiro, nós conversamos sobre o artigo, então você mandou o arquivo no Gmail. Eu absolutamente ameeeeei o que você escreveu! Aí eu te liguei e nós conversamos sobre as consequências desse artigo, mas a publicidade vai ser incrível para o livro que sai em dois meses!

– Do que você está falando? Que livro?

Dessa vez, não houve dúvidas quanto ao suspiro impaciente.

– Olha, Maya, vou te ligar depois... É aniversário da minha amiga e a gente... já passa da meia-noite e eu tenho que voltar para a festa... Eu te ligo... hum... em exatamente doze horas, tudo bem?

– Não! – Maya se percebe gritando. – Não está tudo bem! Eu não te mandei nada, não falo com você há meses e nem tenho uma droga de conta no Gmail! Do que você está falando?

– Maya, por favor. Houve um p.... de um mal-entendido... Eu não sei. Nós temos nos falado a cada duas semanas pelos últimos três meses, e eu acho que o livro é EXTRAORDINÁRIO... Eu não sei nem...

Maya desliga o telefone. Ela pensa consigo *Isso não é real... Eu vou acordar e não vai ter nenhum jornal ou telefone*.

Mas os raios de sol da manhã já estão listrando a folha do diário matinal que ela tem nas mãos. Um corvo voa sobre as flores de hibisco grasnando alto. Maya vê a sombra negra do pássaro e entende, como se ouvisse uma admoestação, que não há ninguém no mundo a quem ela possa recorrer agora, ninguém para garantir que ela não está

enlouquecendo. Ela se sente à deriva, com constantes presságios de desgraça a rodeando.

Por que ela não tinha percebido que isso aconteceria seis anos atrás, quando ela se fez invisível de forma tão deliberada como se tivesse colocado um mando mágico? Quando o livro de memórias sobre ter perdido Michael e ouvir seus passos em todos os lugares se tornou imediatamente um *best-seller*, fora insuportável falar sobre o livro, sobre Michael Que Não Existia Mais. Apesar dos convites de festivais literários internacionais até de lugares distantes como Butão e Portugal, apesar de sua agente lhe encaminhar as cartas de leitores de todas as partes do mundo expressando seus pêsames, ela não suportava a ideia de vender sua dor. As indicações a prêmios continuaram a chegar em grandes quantidades de todos os lugares da Europa, fazendo Jane e a agência muito felizes, principalmente porque seus dois primeiros livros (ambos *thrillers* políticos proibidos na Malásia que em seguida circularam em cópias piratas), tinham sido aclamados pela crítica, mas foram adquiridos em maior parte por bibliotecas. Jane tentara convencer Maya a dar entrevistas, mas até mesmo as perguntas enviadas por e-mails eram rigorosamente escrutinadas pela agência *Quill and Scribe*, sendo as questões respondidas pelos estagiários.

Maya pressiona as teclas do seu MacBook ferozmente, buscando alguma prova de ter enviado e-mails, textos — *a merda de um manuscrito inteiro!*— sem se lembrar. Ela está aterrorizada com a ideia de demência, da perda de memória sem qualquer aviso.

Mas não há nada. A sua conta do Yahoo está vazia, exceto por dois e-mails: uma carta começando com “Minha Querida” e pedindo dinheiro e “Uma dica simples” vendendo perda de peso. Ela se sente reassegurada, mas um acesso de cólera a faz pesquisar o próprio nome no Google, algo a que havia resistido durante anos, e ela configura a busca para mostrar resultados da última semana.

Os números se acumulam rapidamente: 4.009 resultados, indicando páginas no *Goodreads*, *sites* e discussões sobre Maya Chin. O primeiro item diz “Maya Chin estará no Festival Literário Cooler Lumpur... restam poucos ingressos!!!”. A data em que Maya Chin deve aparecer é hoje.

Maya aperta uma mão na outra tentando parar de tremer. Então ela clica no primeiro link que a leva para uma página no *Facebook* alvoroçada com as notícias da reclusa Maya Chin finalmente dando uma palestra. Não há fotos da autora, mas as capas de seus romances e do seu livro de memórias formam um vistoso letreiro. Alguém postou o artigo do *New Straits Times*, e ela nota 287 *likes* e em seguida 59 comentários. Ela começa a ler:

– hahahaha a escritora viajo na maionese

– Eita! O tio dela é um dos burguês safados da MCA! Cê tem dinheiro mas não tem escrúpulos e nem inteligência!!!!

- Maya Chin vc quer q a Malásia seja a nova Grécia? Psé. Reclama reclama reclama mas não dá nenhuma solução
- Deus é Fiel. Deus escreve certo por linhas tortas. ELE vai atacar quando a hora chegar. O regime MAU e FASCISTA será destruído. O tempo está passando.
- Pau que nasce torto nunca endireita, né
- FDP Sua LAIA ESQUERDOPATA INTEIRA HÁ DE SOFRER ETERNAMENTE COM PRAGAS E DOENÇAS E DOR E O SOFRIMENTO SEM FIM QUE ATÉ MESMO A MORTE SÓ VAI AUMENTAR E PIORAR ELA
- Que nem Jesus, né? Acabem com ela enquanto ela tiver viva e levantem monumentos depois que ela morrer seu bando de idiotas
- A porra ficou séria. Somos todos Maya Chin.
- Eca. País de terceiro mundo? Aff
- Ei Maya Chin, o q vc odeia mais ah, os malaios ou a língua malaia sua arrombada
- Você é uma excelente escritora e eu procuro ler a sua coluna sempre que a vejo em publicações. Não deixe os *haters* te afetarem, deixe para lá!! Hilária e fabulosa!
- Eu lembro de ter visto as colunas dela em algum lugar. Ela nem era tão engraçada assim.
- tão triste e chateado por perder sua palestra... não consigo ir, por causa do trabalho e da família... tô com você em espírito, Maya! abraços e parabéns!
- Puta merda! Agora, isso me faz questionar tudo. Ou não.
- Quem Diabos Usa Letra Maiúscula Em Todas As Palavras. isso me irrita toda vez

E continua, essa baboseira analfabeta daqueles que xingam muito melhor do que escrevem frases, os ataques vindos de pessoas religiosas dispostas a salvar a sua alma e nacionalistas que promovem guerras contra a sua islamofobia. Agora, ela imagina fãs imprimindo sua foto da Internet, apenas para que a lendária Maya Chin possa autografá-la sem que eles tenham que ler uma única palavra do que ela escreveu. Maya olha pela janela para a extensão da natureza inabitada: *isso é muito real.*

A única coisa a ser feita é sair com o carro e encontrar sua rival. Maya nunca fugiu de um desafio e enfrentou políticos poderosos com sua escrita, mas ela odeia dirigir, especialmente na cidade. Mas não há outra maneira se ela quiser desmascarar publicamente essa fraude literária. Uma intuição a faz entrar nas suas contas bancárias;

se essa impostora conseguiu chegar a Jane e à agência *Quill and Scribe*, ela precisa verificar se seu dinheiro ainda está a salvo. Ela confere uma conta, depois outra, e ainda outra... Seu dinheiro está todo lá.

Ela fecha os olhos e respira fundo, enquanto projeta a cena em sua mente. Há um palco com o mediador e a impostora, e entre eles uma mesa com livros organizados artisticamente ao redor de orquídeas roxas... Então a Maya Chin real entra em cena, tensa, mas firme. Maya abre o próximo *link* da busca, que contém uma entrevista recente – “Uma Exclusiva com a Evasiva Maya Chin!” – mas o artigo, também, não possui fotos da charlatã. Maya lê com um terror crescente que seu novo romance se chama *Em Solo Nativo* e é um livro de memórias sobre crescer sendo malaia, com direito a *verrugas e todo o resto*.

Ela escorrega da cadeira e põe o bule no fogo. Se aquela idiota da Jane está enchendo a cara agora, ela estará ainda mais inútil em doze horas. *Em Solo Nativo* soa como uma brincadeira estúpida, não é nada parecido com os livros políticos que ela escreve de verdade. Suas séries se passam na mística Hirplelaya, onde todos os cidadãos nascem deformados e andam devagar, mancando. Ela não menciona a Malásia em seus livros, mas os escândalos do governo são reconhecíveis, assim como os excessos da Primeira Dama, cujas bolsas exclusivas custam mais que um salário médio anual. Ela checa o terceiro livro sobre Hirplelaya, que está salvo em seu computador e seguro no *backup* do iCloud.

Maya mexe seu chá para misturar o açúcar. A impostora estará falando no Festival Literário Cooler Lumpur às 15h, o que lhe dá tempo suficiente para dirigir até Kuala Lumpur. Ela escolhe sua roupa com deliberação: vestido cinza, longo e discreto com uma jaqueta preta e leve, por causa do ar-condicionado; um cachecol de algodão preto para cobrir os cabelos; e sapatos baixos para dirigir. Ela escolhe o maior par dentre todos os seus enormes óculos escuros.

Ao sair, leva consigo um de seus romances. O *site* diz que Maya Chin estará autografando livros.

Assim que Maya atravessa o arco decorado que divide Petaling Jaya de Kuala Lumpur, ela solta os dedos do volante para liberar a tensão em seus braços, então olha rapidamente para os retrovisores, preparada para trocar de faixa e deixar os motoristas apressados ultrapassarem. Eles têm total desconsideração pela segurança pública, mas ela está quase em seu destino.

Seu coração bate forte, pronto para a batalha. Ela não quer *flashes* ou microfones na sua cara, por isso precisa ser objetiva e rápida. Ela pratica dizendo: "Eu sou a VERDADEIRA Maya Chin". Em duas horas, talvez menos, ela espera estar voltando para casa novamente.

Quando a familiar cor azul do Mercado Central surge à sua frente, ela se enche de um sentimento nostálgico. Nos primeiros anos de seu casamento, antes de a Malásia ter o *Cold Storage* e o *Giant*, este era o lugar onde ela e Michael compravam peixes vivos, que nadavam em tanques. O cheiro dos rambutãs, dos mangostins e das frutas de olho de gato, das pungentes goiabas maduras, recém-colhidas dos pomares, perfumava o ar. Ela recorda de pechinchar e barganhar, seu ar de recém-casada forçando a indulgência dos lojistas.

Agora o edifício pulsa com compradores, mas as barracas estão cheias de lembrancinhas brilhantes. Maya passa por fileiras de Torres Gêmeas de estanho e por leques de *batik*. O cheiro de comida dos restaurantes do primeiro andar – *nasi ayam*, *laksa*, *roti telur* – a lembra de que ela não almoçou hoje. Maya passa rápido pelas lojas do Edifício Annexe e fica paralisada na frente da sua própria foto em um cartaz.

Esta imagem é idêntica à do jornal, mas ampliada. Maya abaixa a cabeça nervosamente enquanto um grupo de estudantes universitários passa por ela. Um casal de mãos dadas passeia, depois o menino puxa a garota de volta e eles param ao lado de Maya. Maya segura a respiração. O menino examina o cartaz para obter os detalhes da palestra; então, com um rápido olhar para o seu relógio, leva a garota embora.

Maya tateia a bolsa em busca de seu livro e atravessa a porta aberta atrás do casal.

Um jovem está no microfone falando em inglês, com algumas frases em malaio enfeitando seu discurso. Ele diz que a autora deseja autografar livros antes da palestra para que os fãs possam acompanhar as passagens que ela lerá. Há aplausos do público jovem; alguns assobios em apreciação. Maya observa a grande sala em busca de uma mesa com livros empilhados em fileiras organizadas. Ela sabe, por experiência própria, que a autora estará sentada nas proximidades.

Ela sente a presença da mulher antes de vê-la. Maya vira-se um pouco para ver uma mulher sentada atrás de uma mesa, caneta na mão. A mulher está conversando com um jovem, mas está olhando para Maya.

Maya tem a sensação de andar em areia molhada, o chão abaixo de seus pés sugando seus sapatos, forçando-a a mancar um pouco. Ela não é uma pessoa supersticiosa, não acredita no paranormal, mas ela já conhece essa sensação de antes: desde o dia em que o telefone tocou incessantemente na tarde quente e ela sentiu que não podia se mover rápido o suficiente para atendê-lo, que não deveria atendê-lo porque isso mudaria sua vida para sempre, quando lhe disseram que Michael tinha morrido.

Ela se questiona se deveria sentar. Mas a fila de gente com livros está crescendo e ela tem medo de perder esta chance. Maya avança entre as pessoas, faz todo o caminho até a frente, e os jovens, resmungando, dão passagem, porque ela está decidida.

A impostora continua autografando livros, entabulando pequenas conversas sobre o nome de uma menina, depois sobre os belos brincos de outra. Quando Maya desliza seu livro para o outro lado da mesa, a mulher a olha e sorri. Ela assina. Maya observa sua

própria assinatura se tornar autêntica pelas mãos de outra pessoa, os dois pontos abaixo do *Chin*, executados tão perfeitamente quanto o volteio na parte inferior do *y*. A mulher põe a data na assinatura. Maya estende a mão, pretendendo pegar seu livro de volta, mas a mulher coloca a mão sobre a de Maya e ri.

– Não tão rápido! Você deve me dizer seu nome para que eu possa escrever algo especialmente para você

Maya está prestes a esbofetear a impostora. Está hipnotizada por aqueles olhos. Ela ouve a impaciência das pessoas que estão atrás dela, querendo que ela diga algo. Vagarosamente, deliberadamente, Maya tira seus óculos escuros.

– Eu sou a VERDADEIRA Maya Chin, – ela diz.

Um riso nervoso se ouve atrás dela, seguido de risadinhas. Um idiota diz:

– Eu sou o VERDADEIRO Salman Rushdie – e seu amigo faz uma mímica, atirando entre os olhos dele, simulando uma arma com a mão. Todos riem, incluindo a impostora.

Um jovem com uma cobra roxa tatuada no pulso aponta para o pôster atrás da impostora:

– Pera lá, tiazinha, consegue ver a foto ou nem? Maya Chin num é tão velha, *lah*.

Maya vê o pôster. A semelhança entre a imagem ampliada e a mulher sentada abaixo dela não é exata, mas ela vê os mesmos reflexos castanho-avermelhados no cabelo da mulher, a testa sem rugas e os lábios brilhosos. O vestido da mulher é de um tom fúcsia rosado, o mesmo tom da primavera na fotografia e ela é, provavelmente, alguns anos mais nova do que Maya era quando a foto foi tirada. O queixo da impostora é mais largo, seus olhos, menores, mas esses detalhes são insignificantes. Maya, em seu longo vestido de luto cinza, não parece nada com a mulher ou com a fotografia.

A mulher está com o livro de Maya aberto nas mãos enquanto encara o garoto tatuado.
– Não precisa ser rude! – ela diz secamente. – Será que duas pessoas não podem ter o mesmo nome? Venha, vou autografar *Para Maya Chin, de Maya Chin*.

E com um gesto afetado, é exatamente isso o que ela faz. Ela desenha uma careta alegre e escreve, *P.S.: Boa leitura, xará!*

O homem do microfone se apressa em direção à mesa. Ele pega o livro com uma mão e conduz Maya com a outra mão nas costas dela. Ela é empurrada para um assento próximo enquanto dois homens se sentam um de cada lado. Ela pega o livro que lhe é entregue.

Os dois homens se acomodam em suas cadeiras. Enquanto um deles relaxa a postura e mexe os pés sob o assento da frente, Maya o observa mais uma vez. Ela se esquece de nomes, mas nunca de rostos. Nove anos atrás, em um protesto (algo de que Maya

costumava participar com regularidade), esse homem estivera vestindo uma camiseta vermelha com a inscrição “Patriota”. Ele tinha sido um dos brutamontes que ameaçaram bater nos que estavam vestidos com camisetas amarelas, pessoas como ela, que se manifestavam por um governo justo e transparente.

Ela ouve, de forma difusa, a conversa dos que estão no palco, enquanto planeja seu próximo passo. Conversa-se sobre uma Malásia para todas as raças. Quando mencionam o artigo do *Wall Street Journal*, a impostora se mostra indignada com a tentativa das mídias ocidentais de alvejarem governos asiáticos legítimos. Então, a impostora começa a ler um livro de Maya, escolhendo uma passagem que retrata a falta de demonstrações de amor em uma família disfuncional. Maya automaticamente abre o livro naquela página, que vem logo após um trecho que traz todos os detalhes de excessos políticos.

Ela assiste a Maya Chin no palco transformando Hirplelaya. Enquanto a voz fastidiosa continua a articular palavras que lhe são por demais familiares, Maya percebe que foi forçada a sair de sua toca para ouvir suas próprias palavras sendo recontextualizadas. O fato de Maya ter construído suas próprias grades – seu isolamento, sua recusa a atualizar a fotografia, sua relutância em conceder entrevistas – poupou muitos problemas para sua inimiga.

Maya se esforça para se levantar. A impostora faz uma pausa para olhar em sua direção e, então, sorri, levantando a mão direita e acenando levemente, enquanto continua a falar. Os dois homens ao lado de Maya se levantam e a levam até um pequeno escritório em que o único som audível é o do ar condicionado. Não há janelas.

Um deles tira uma garrafa de água de um pequeno frigobar.

– *Minum?* – pergunta ele em malaio.

Maya não olha para os homens. Ela examina o jornal que está sobre a mesa; é um diário financeiro com a primeira página completamente em preto. O jornal declara, em letras vermelhas, que a Malásia foi fraudada em 1,83 bilhão de dólares. Há uma nota do editor no fim da página: “*Após esta reportagem, que pode ter sido a nossa última, nós entregaremos tudo o que temos às autoridades que estão investigando o escândalo da IMDB e prestaremos todo auxílio a nosso alcance*”.

As paredes são de um azul intenso, recém-pintadas. Ela se pergunta por quanto tempo ficará aqui.

O homem do microfone entra e acena para os outros dois.

– Vou ficar presa aqui?

O homem ri com prazer.

– Claro que não! Você está livre para sair quando quiser.

Ele olha para ela.

– Nós não queremos confusão no evento literário, só isso. Maya Chin é uma escritora importante, e as pessoas querem ouvir o que ela tem a dizer.

– Eu vou denunciar isso à polícia. Nem *pense* que vocês vão ficar impunes.

O homem se senta do outro lado da mesa.

-- Hmm. E o que você acha que a polícia fará? Qual será sua queixa?

-- Você sabe muito bem... Eu tenho meu registro de identidade, minhas digitais podem ser verificadas nos registros...

– A biometria da autora Maya Chin não coincidirá com a sua nos registros do governo.

– Eu não acredito nisso!

– Você está gravando nossa conversa? Vá em frente, procure seus amigos na mídia, veja se isso vai funcionar.

Ela agarra o jornal. – Sim, está vendo como a mídia está funcionando?

Ele olha o texto que ela está apontando. – “*Após esta reportagem, que pode ter sido a nossa última*”?

– Não imagine coisas, *lah*, eles estão relatando sobre o escândalo da IMDB pela última vez; depois disso, ele estará sob investigação oficial. Isso é tudo. Ninguém vai fechar nada.

Ele abre a tampa da garrafa de água com uma torção e a desliza pela mesa na direção dela. Ela toma um gole longo.

– A Malásia não é Cingapura. Não há necessidade de prender escritores, nem de enviar blogueiros para o hospício, nem mesmo de arruinar ninguém, né? Tão desnecessário tudo isso; chamar a atenção internacional para nossos assuntos internos.

Ele se levanta:

– Venha, você está livre para ir.

Maya não se levanta.

– Viaje um pouco, visite a Coreia, o Japão, países que você não conhece.

Ele desliza sobre a mesa seu cartão de visitas.

– Ligue para mim se precisar de ajuda. Este pode ser o começo de coisas boas.

– Eu nunca mais vou poder publicar algo.

Ele não sorri.

– *Em solo nativo* vai sair daqui a alguns meses.

Maya pensa que um verdadeiro *Doppelgänger*, um espectro conjurado por *um bomoh* malaio de Bornéu para silenciá-la com mágica, teria sido melhor do que um final tão prosaico. *O começo de coisas boas*. Ela pensa em toda uma vida de servidão à palavra, meses de escrita que resultaram na rejeição dos editores. Quanto de sua vida ela havia desperdiçado tentando coagir frases arredias a partir do nada? Talvez essa impostora esteja lhe fazendo um favor, libertando-a para que ela viva entre os vivos de novo, livre dos ditames dos livros a serem escritos, da necessidade de tocar as pessoas que ela jamais poderá conhecer.

Mas oh, o que ela fará com as ideias que a tiram do chuveiro, com o cabelo ainda não completamente lavado? O zunido de uma frase bem construída tocando em sua mente? A profunda meditação de escrever durante toda a noite?

Ela vê sua casa vazia, o silêncio estilhaçado pelo grasnado dos corvos, de noites se transformando em manhãs sem enlevo, sem fim. Maya se levanta. Pela primeira vez na vida, ela entende o peso das palavras, da palavra *roubada*.

Nota editorial: O primeiro romance de Dipika Mukherjee sobre a Malásia foi indicado para o *Man Asian Literary Prize*, quando ainda era um manuscrito inédito, e em seguida foi publicado como *Thunder Demons* [Demônios do trovão] (Gyaana, 2011), e *Ode to Broken Things* [Ode às coisas destruídas] (Repeater, 2016). A autora recebeu o *Virginia Prize for Fiction* em 2016 por seu segundo romance, *Shambala Junction* que será publicado pela editora Aurora Metro ainda neste ano.